

Bôeres: a guerra do fim do mundo*

(segunda parte – conclusão)

*César Augusto Nicodemus de Souza***

De cercados à vitória

Quando a guerra começara, em 11 de outubro de 1899, o Governo britânico estava convencido de “que estaria terminada por ocasião do Natal”. Só faltou definir de qual ano.

Situação entre janeiro e fevereiro de 1900

O novo comandante designado para as tropas britânicas, *Lord Roberts*, acompanhado por seu Chefe de Estado-Maior, *Lord Kitchener*, chegou à África do Sul com um objetivo inicial pré-traçado: liberar Kimberley do cerco e, então, capturar Bloemfontein com um contingente expressivo. Aprendendo com os fracassos de seus predecessores, quis evitar, ao máximo, ataques frontais, dando prioridade a ações altamente móveis. Com este desiderato, houve preponderância de emprego de Cavalaria, e um grande número de cavalos lhe foi suprido. Ambos partiram para o corte do Rio Modder, onde foram concentrados 30 mil homens.

Enquanto isso, o General Buller, ainda no comando da frente sobre Ladysmith, como já vimos anteriormente, fora barrado em Spioenkop, em mais uma tentativa de marchar sobre os bôeres, que cercavam aquela importante guarnição.

Por outro lado, Mafeking, hoje Mafikeng, embora não passasse de uma vila, era outra importante localidade estratégica sobre a ferrovia, cercada, como Kimberley, desde 14 de outubro do ano anterior. Para lá se deslocara, espontâ-

nea e previamente, o Coronel Robert Baden Powell, que iria enfrentar, quando atacado, uma desproporção de efetivos de 9 para 1, na defesa de um perímetro de 9km. Para compensá-la, convocou os jovens de 9 a 15 anos para, com suas bicicletas, desempenharem funções de estafetas e de mensageiros para a distribuição do correio; logo, eles eram voluntários para servirem de sentinelas, além de executarem muitos outros serviços, demonstrando, com isso, coragem diante do grande risco.

Inspirado na atuação daqueles jovens, que tanto produziram pela decidida adesão a uma causa, ele foi levado, mais tarde, a criar o escotismo.

Ladysmith: a vida em uma cidade sob sítio

Nada melhor do que acompanhar alguns trechos do diário de um dos moradores.¹ A rigor, é interessante começar a leitura por alguns de seus cadernos mais antigos, para melhor entender a cidade:

– Em 1850, 11 de outubro: “A cidade foi hoje oficialmente proclamada “Ladysmith” [em homenagem a *Lady* Juana Maria de Los Dolores de Leon Smith, esposa do Governador da Província do Cabo,

¹ Extraído de *A Diary of the Siege of Ladysmith*, de Brian Kaighin

Sir Harry Smith; casada com esse militar, na Espanha, sua terra natal, aos 14 anos, por ocasião da campanha britânica contra as tropas de Bonaparte].

– Em 1854, 12 de julho: “O bispo de Colenso veio à cidade junto com o contador-chefe do senhor governador. Nem eu tinha me dado conta de que já somos uma vila de 23 casas, uma Corte de Justiça, 2 hotéis, uma igreja calvinista, várias lojas, um acampamento militar, uma igreja anglicana e 102 moradores!”

– Em 1861, 26 de março: “ Hans Don de Lange foi enforcado por ter matado um nativo [...] Knight e King abriram uma grande loja [...]”

– No ano de 1885, houve muitos eventos, os quais destacamos:

– “[...] O proprietário esfaqueou o cunhado, que veio a falecer dois dias depois”;

– “[...] O cozinheiro doméstico começou um serviço religioso para nativos”;

– “A ferrovia chegou à cidade (!)”;

– “[...] comerciantes muçulmanos estiveram na cidade.”

– Em 1887, 23 de outubro: “Esta descoberta do ouro já está criando muitos problemas [...]. O Secretário da *Ladysmith Gold Minig* já disse que está organizando uma tropa de *Natal Carbineers*.”

[Lendo os registros de 1890, aprendemos que fora implantado um conjunto de prédios, fabricados com folhas de metal, para abrigar não só soldados, mas também armas e munições no local onde se situava o acampamento antigo.]

Nos de 1893, ficamos sabendo da construção do *Town Hall* e — vejam só — fora construída “uma fábrica que começara a suprir gás para a iluminação pública”; daquela pequena cidade no interior da África (!);

Viramos agora as páginas do caderno relativo aos anos de 1899 e 1900:

– Outubro:

Dia 2: “Os *voluntários navais de Natal* chegaram ontem; e hoje os *atiradores montados da fronteira* [...] portanto, parece que vamos ter problemas em breve.”

Dia 10: “Está correndo por aí que o *Oom* (*Old Man*, ou *Velho* — Paul Kruger) deu um *ultimatum* ao Governo britânico para retirar as forças do país no prazo de 48 horas, ou vai haver luta.”

Dia 11: “Todo mundo passou uma noite de muita aflição, sem saber qual seria a resposta do Governo, mas não houve nenhuma [...] então, concluímos que deverá haver batalha em breve. Agora está explicado o incremento das tropas.”

Ainda em 11 de outubro, provavelmente à tarde): “[...] confirmando o *ultimatum* que nos deram, e não foram atendidos, os *trekeers* declararam guerra!”

Durante os primeiros dias da guerra declarada, ele vai descrevendo:

– as inúmeras unidades que chegam e que partem todos os dias:

“[...] há voluntários negros, a cavalo, vindos de Natal, por exemplo”;

– as impressões e as atitudes de quem participa das primeiras ações:

“[...] já há gente vendendo cartões postais com imagens da guerra... Para muita gente [tais fotos] valem como um jornal”.

“Esta tarde havia um grupo do Exército enchendo um enorme balão redondo... Dizem que era teste”

Sábado, 21 de outubro: “Gente que veio de Dundee diz que nós tivemos tempos muito difíceis por lá e que o General Penn-Simons morreu.”

Quinta-feira, 26 de outubro: “O General Yule chega, vindo da retirada de Dundee.

A soldadesca veio caminhando desde lá, muitos sem sapatos, e estão todos no *bagaço*.”

Terça-feira, 31 de outubro: “Foi acordado um armistício para recolher feridos e enterrar os mortos, mas uma tremenda tempestade de poeira não deixou ninguém trabalhar.”

“Um oficial foi levado à Corte Marcial hoje, por covardia e deserção durante os combates em Dundee e já foi destituído de sua Unidade. Interessante que isso só acontece quando se é derrotado. Parece que os comandantes querem arranjar explicação para os fracassos.”

Quarta-feira, 1º de novembro: “Dia de Todos os Santos. Não houve novidades. Parece que todos respeitaram o dia.”

Quinta, 2 de novembro: “O último trem deixou a cidade cheio de mulheres e crianças, mais os Generais French e Yule. Tão logo eles partiram, os bôeres, às 2h30min da tarde, cortaram os fios telegráficos, a linha da estrada de ferro e destruíram as fontes de água.”

Seria por demais interessante transcrever outras partes desse diário, mas nos afastaríamos de nosso objetivo. Ficariamos sabendo como famílias inteiras passaram a morar em grandes tocas cavadas no solo, para se abrigarem dos tiros intermitentes de canhão que levavam o desassossego à população; de como se estabeleceu um serviço de “Alerta, tiro de canhão!”, com vigias postados em cima de pilhas de caixas, os quais, ao perceberem a fumaça do disparo de um *Long Tom* davam o alarme, pois a duração do trajeto da granada — aproximadamente 22 segundos — era suficiente para que todos se abrigassem. Sa-

beriam das granadas ocas de artilharia, lançadas pelos bôeres — mas cheias de panfletos, chamando os britânicos de covardes por não virem a campo aberto para dar-lhes combate —, do racionamento de comida e de diversos outros artigos, do consumo de carne dos cavalos,² das nuvens de moscas que penetravam na boca de quem comia, das mortes por diarreia (em maior número do que aquelas decorrentes dos combates ou bombardeios); conheceriam a tentativa dos bôeres de inundar a cidade, mediante a construção de uma barragem no rio, a jusante; a atividade dos nativos que, por infiltração, à noite, levavam e traziam correspondências e jornais, mantendo quase normal o serviço de correio para a Cidade do Cabo e adjacências; conheceriam o resultado das partidas de futebol entre soldados escoceses e o time de natalenses, entre um arrebentamento e outro de granadas de canhão; acompanhariam a evolução quase diária dos preços dos artigos, à proporção que iam se escasseando.

Os leitores tomariam conhecimento da Ordem Nº 466 do Comando da Força, que reza: “Os veículos devem manter-se à esquerda, fazendo ultrapassagens pela direita. O número de mulas levadas a beber água não pode ultrapassar três e a velocidade limite está restrita à do passo normal”. Outras ali estão, bastante interessantes.

Mas não podemos encerrar esse item sem comentar o que vai relatado por aquele habitante de Ladysmith, sob cerco, ainda na jornada de 2 de novembro de 1899:

² Os britânicos empregaram mais de 500 mil cavalos durante a guerra, dos quais perderam cerca de 370 mil FORA DE COMBATE (!), por problemas de doenças, por pasto insuficiente ou por falta de água, por exaustão — em certos momentos — e acidentes. Talvez nunca tenham imaginado que haveriam de sacrificar um bom número deles para alimentar a população e os soldados sitiados.

– “Uma ambulância bôer veio à cidade trazendo feridos e uma carta do Comandante Joubert, consultando sobre a troca de prisioneiros. Já que estavam aqui, aqueles bôeres compraram goods nas lojas com moedas de ouro (!)”

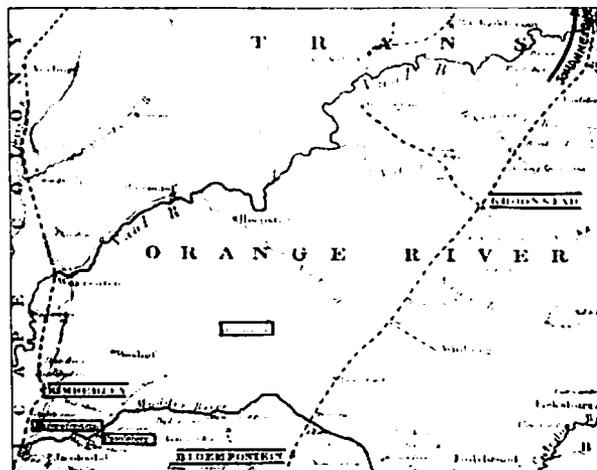
– “Descobriu-se, depois, que o condutor da carroça era um oficial de artilharia bôer que aproveitara a excursão para descobrir alvos.”

De fato, segundo o seu relato, no dia seguinte, a artilharia bôer foi muito mais efetiva nos disparos contra depósitos de munição e prédios que eram sede de comandos, não escapando nem o quartel-general do General George White, comandante da guarnição. Aliás, não foi poupada nem a inauguração do novo salão de jantar do *Royal Hotel*, “batizado” por um arrebatamento na hora prevista para a cerimônia — que por ter sido ligeiramente atrasada, poupou novos feridos para os cirurgiões. Os tiros estavam, realmente, com o repertório renovado e muito bem ajustados.

Mas nem tudo eram limitações e aflições. Notícias trazidas por nativos infiltrados, como as de 4 de dezembro, dando conta das vitórias britânicas contra o General bôer Conje, no *Free State*, proporcionavam a programação de alegre partida de *cricket* para comemorar.

A liberação do cerco a Kimberley

Os moradores de Kimberley, como os de Mafeking, também passavam suas dificuldades. *Lord Roberts* decidiu empregar sua Cavalaria, sob o comando do General French, para libertar Kimberley, objetivo duplamente importante, seja pela liberação de efetivos britânicos, sob o comando do Coronel R. G. Kekewich, e de trecho da ferrovia, seja por abrir o prosseguimento para território inimigo.



French contornou com rapidez o flanco esquerdo da posição do General P. A. Cronje, à frente de Magersfontein, em direção a Kimberley. As forças bôeres aí estavam completamente inativas desde o início do sítio. Em 15 de fevereiro, o cerco foi finalmente rompido. Os bôeres retrocederam apressadamente na direção norte, enquanto milhares de britânicos invadiram o território do Estado Livre de Orange, ameaçando fracionar as forças do General Cronje.

O prosseguimento da ofensiva britânica tornou pouco seguras as novas posições de Cronje, em Magersfontein, e ele teve de retrainir mais uma vez. Mas o movimento vinha sendo consideravelmente retardado pela centena de carroções, dos quais seus homens não abriam mão, além de condicioná-los ao eixo que levava à água do Rio Modder, imprescindível para humanos e animais. Além disso, muitos haviam trazido consigo mulheres e crianças. Com isso, o General Cronje foi logo alcançado pelos britânicos, já que se negou a abandonar a lenta coluna de seus carroções. Apesar dessa proteção, muitas mulheres e crianças já tinham sido aprisionadas, e algumas

teriam triste fim nos campos de concentração criados pelos britânicos.³

Em 17 de fevereiro, próximo a Paardeberg, o chefe bôer percebeu que sua rota de retraimento estava cortada. Logo depois, seus carroções estavam em chamas e ele encontrava-se cercado por todos os lados. Em decorrência disso, seus homens cavaram abrigos nas margens do Modder. A tropa do General French capturou, logo na primeira noite, 540 prisioneiros — aí incluídos mais de uma centena com seus próprios cavalos —, eles haviam abandonado o acampamento de Cronje. Muitas cabeças de gado e de ovelhas foram também recolhidas. Ainda que a situação se tornasse cada dia mais desesperada, os bôeres conduziam uma brava defensiva, sobretudo na jornada de 18 de fevereiro, quando impuseram pesadas baixas aos britânicos que tentavam desalojá-los.

A partir daquele dia, a ênfase passou para a numerosa artilharia de Roberts, que manteve as posições inimigas sob bombardeio ininterrupto; até que, em 27 de fevereiro, só restava a Cronje render-se com os 3 mil homens, pois estavam cercados.

A ocupação de Bloemfontein

A rendição de Conje fora um desmoralizante golpe para as forças bôeres. Após sua vitória, em Paardeberg, Roberts prosseguiu sobre Bloemfontein, forçando sucessivos recuos do inimigo. Em 13 de março, entrou naquela capital abandonada. Roberts, então, decidiu ali fazer um alto durante algumas semanas, para dar descanso aos homens e para que a ferrovia para o Cabo, vital ao seu apoio, pudesse ser reparada.

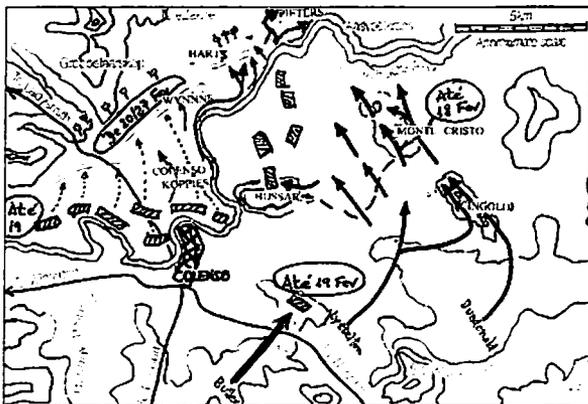
Na frente de combate do Cabo, a marcha de Roberts para Bloemfontein configurara-se em séria ameaça para os bôeres, que estavam em Colesberg e em Stormberg — bem mais ao sul da capital —, pois poderiam facilmente ter seus eixos de retirada cortados, conseqüentemente sendo cercados pelo inimigo. Logo, retrocederam para o Estado Livre de Orange. Em 28 de fevereiro de 1900, Colesberg foi ocupada pelos britânicos, o mesmo acontecendo com Stormberg, em 5 de março.

Enquanto isso, na frente de Natal...

Uma série de pequenos combates, de 12 a 28 de fevereiro, conhecidos no seu conjunto como *The Thukela Heights* — Batalha das Alturas do Tugela —, foram travados nas imediações de Colenso, direcionados para a libertação de Ladysmith. Neles, o General Buller requereu de suas tropas uma dedicação inaudita, em situações limite, procurando sempre envolver as posições inimigas. Alguns nomes entraram para a história dessa guerra, e, mais ainda, para a história do próprio Exército britânico. Basta lembrar que os embates pelo controle das elevações Cingolo, Monte Cristo, Hussar, Hart, Pieters, Wynnne e Colenso Koppies, no conjunto de *The Thukela Heights*, fizeram parte, possivelmente, da maior refrega jamais travada pelo Exército britânico até a Segunda Guerra Mundial. Considera-se também que até a guerra pelas *Falklands*, havia sido a maior batalha travada pelos britânicos no hemisfério meridional.

Em 17 de fevereiro, o General Buller desencadeou sua quarta tentativa para aliviar Ladysmith. Ele obteve sucesso em flanquear os

³ Essa guerra viu surgir, pelas mãos dos britânicos, os campos de concentração. Neles vieram a sucumbir, em razão da inanição e dos maus tratos, mais de 20 mil bôeres, sendo 2.700 só de mulheres e de crianças.



bôeres pela esquerda e os repeliu na colina de Hlangwane, o que possibilitou o desembocar do combate sobre o platô de Pieters, em 23 de fevereiro. Inicialmente, os bôeres obtiveram sucesso em deter o avanço dos britânicos, mas a superioridade numérica destes, em canhões e em tropas, era incontestável, logo, os *trekeers* tiveram que se retirar.

É indispensável relatar, nesta ocasião, que a artilharia britânica era uma força poderosa no campo de batalha, mas normalmente mal utilizada por comandantes que não haviam se exercitado para empregar aquelas armas tão modernas, como, aliás, o combate de Colenso deixara bem claro. Surpreendentemente, em Pieters, Buller deixou seus subordinados testarem o que consideravam um salto de modernidade na tática: concentrações de artilharia pesada sobre o inimigo, coordenadas com a manobra, para proteger e permitir o avanço da infantaria. Foi um sucesso! Mas, também, caracterizou-se como a única oportunidade em que Buller se permitiu a um desses “laivos de condução de ações inventivas por um subordinado”.

A vitória em Pieters fora decisiva. A artilharia britânica, agora, pôde cerrar sobre o dispositivo de cerco, aí abrindo, com seus fogos concentrados, importante brecha, logo aproveitada

pela cavalaria de Lord Dundonald. A infantaria, prosseguindo logo atrás, ampliou a abertura e penetrou no dispositivo em várias direções, proporcionando a limpeza da área. Logo estava refeito o contato físico com a tropa cercada.

Era o dia 28 de fevereiro. As estradas em direção ao norte encheram-se de poeira levantada pelos bôeres retirantes, que aliviavam o cerco, ainda que um dos *Long Tom*, aqueles poderosos canhões *Creusot* 155mm, o qual, durante todo o cerco, martelou a cidade, tivesse lançado uma última granada como salva de despedida, antes de “atracar a palamenta” e partir. Em 1º de março, Ladysmith estava definitivamente libertada do cerco.

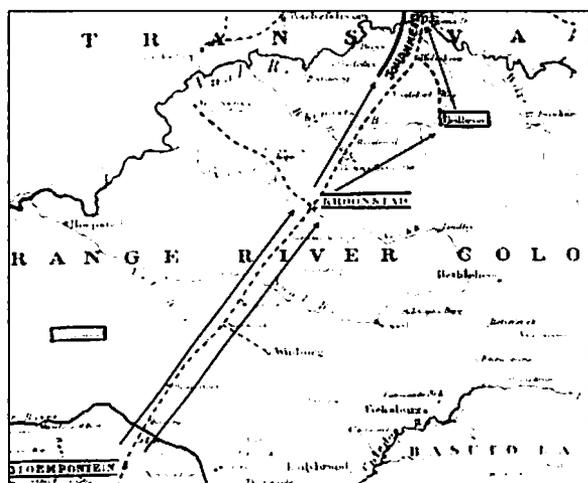
Com a ocupação de Bloemfontein e o alívio de Ladysmith, terminara a primeira parte da ofensiva britânica. Como Roberts, também Buller, optou por dar um merecido descanso de algumas semanas para suas tropas, aproveitando para recompletar níveis de suprimento e restaurar as linhas férreas danificadas para Durban.

Por outro lado, aproveitando-se da tregua que não pediram, analisando as razões e os efeitos de suas derrotas, em Natal e no Estado Livre de Orange, os chefes bôeres adotaram, aos poucos, uma nova estratégia, que exploraria a ação de *kommandos* móveis montados, os quais seriam usados para empreender guerra de desgaste em largas frentes e grandes profundidades. Posições defensivas só seriam adotadas esporadicamente, por prazos suficientemente curtos, para evitar desfavoráveis engajamentos em posição. Os britânicos seriam sempre atacados pela retaguarda, pois nessas condições seriam melhores as chances de sucesso. Dali em diante, decidiram: “Os *kommandos* mover-se-iam tão rápido que os britânicos nunca estariam bastante certos de onde procurar por eles.”

De Bloemfontein a Pretória

O General Roberts retoma a ofensiva

A segunda fase da segunda ofensiva britânica consistiu em uma marcha ao longo da estrada de ferro principal de Bloemfontein até o norte. Várias colunas britânicas protegeriam a coluna principal do Roberts de ataques de flanco pelos bôeres. O total de efetivos beirava os 100 mil homens, enquanto Buller, com seus 50 mil combatentes, começaria uma ofensiva em Natal, para unir-se às forças de Roberts, no Transvaal.



As planícies do Estado Livre de Orange não proporcionavam boas posições para que os bôeres barrassem a progressão britânica. Em 12 de maio de 1900, eles entraram em Kroonstad, que passara a servir como capital, desde a evacuação de Bloemfontein. Logo após, o governo do Estado Livre transferiu-se para Heilbron. Em razão do continuado avanço das colunas britânicas, os bôeres decidiram que os *kommandos* do Transvaal retirar-se-iam fazendo frente ao avanço dos britânicos, enquanto a população do Estado Livre deslocar-se-ia, desafiada, para o leste.

A Tomada de Johannesburg

Ao se dirigir para o norte, Roberts experimentou pouca oposição. Suas forças começaram

a cruzar o Rio Vaal, no dia 27 de maio. No dia 29, os bôeres tentaram deter seu avanço, ao sul de Johannesburg. Eles, contudo, logo tiveram de abandonar suas posições assim que o inimigo iniciou uma perigosa manobra de flanco — aquela, por excelência, adotada por Roberts desde que assumira o comando. No dia 31 de maio, Johannesburg foi ocupada pelas forças britânicas.

A marcha sobre Pretória: o começo do fim

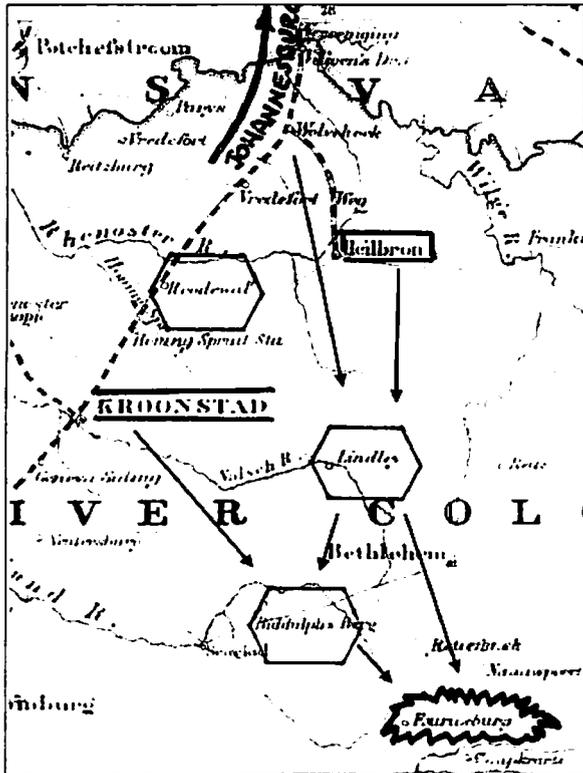
O General Roberts estava convicto de que se Pretória caísse, os exércitos republicanos deporiam suas armas. Destarte, ele não se demorou em Johannesburg.

Por outro lado, Botha, ciente de que não poderia travar combates em posição contra o exército profissional, decidira não estabelecer posição defensiva na cidade, e em 29 de maio, determinou a retirada de seus comandos, postados ao longo da ferrovia para o porto de Delagoabay — Lourenço Marques, hoje Maputo. Em decorrência dessa providência, na mesma oportunidade, o Presidente Paul Kruger deixou Pretória. Em 21 de outubro, ele embarcaria para a Europa, na belonave holandesa *Gelderland*, especialmente enviada pela Rainha Guilhermina para acolhê-lo. Da Holanda, ele se trasladaria para a Suíça, onde viria a falecer, em 14 de julho de 1904, sabedor da derrocada total de seu sonho de mocidade — o Transvaal independente.

Em 5 de junho de 1900, o General Roberts entrou em uma Pretória praticamente desabitada e presumiu que a guerra havia terminado. As forças republicanas, contudo, estavam longe de pretender se render.

No Estado Livre, por exemplo, os bôeres vinham obtendo espantosos sucessos, como o alcançado na Batalha de Biddulphsberg e

aquele em que forçou a rendição da guarnição britânica de Lindley. O General bôer De Wett, conscientizando-se da importância da ferrovia como eixo de abastecimento para os britânicos no norte, começou a focar sua atuação sobre a



linha da estrada de ferro. Em 7 de junho 1900, ele atacou a Estação de Roodewal, onde uma grande quantidade de material estava sendo estocada. Essa retenção logística foi causada pela destruição das pontes da estrada de ferro pelos comandos bôeres. De Wett apoderou-se dos materiais e escondeu-os. Em função dessa ação, durante muito tempo seu *kommando* ainda valeu-se dessa fonte de aprovisionamento.

É interessante lembrar de uma conduta que sempre beneficiava os bôeres em relação aos britânicos. Nas frações inglesas de Infantaria Montada, de cada quatro combatentes, um de-

veria ficar de guarda-cavalos, com ambas as mãos ocupadas, segurando as rédeas do seu animal e de mais três companheiros. Já entre os bôeres, nenhum homem válido ficava fora do combate, simplesmente porque seus animais eram treinados para permanecerem no local onde eram deixados, com as rédeas no pescoço, sequer se assustando com os tiros.

As ações do General De Wett, no Estado Livre, obrigaram Roberts a concentrar várias forças britânicas de porte no leste de Orange. Estas canalizaram os bôeres para as montanhas, em Fouriesburg. Nesse local, foram, finalmente, cercados pelos britânicos. Embora cerca de mil homens tenham conseguido se “exfiltrar” através das linhas britânicas, 4 mil bôeres, comandados pelo General M. Prinsloo — o mesmo que fora tão decisivo em Spioenkop, à frente do *kommando Carolina* — foram forçados à rendição. A captura de Prinsloo, como já ocorrera por ocasião da prisão de Cronje, causou um efeito devastador no moral dos bôeres.

Em um esforço para deter De Wett, Roberts determinou vários *raids*. Nenhum desses foi bem-sucedido, simplesmente porque ele se valia muito bem do emprego do tempo, deixando sempre os britânicos, os quais estavam no seu encalço, a um passo da posição que ele anteriormente ocupara.

Quando os bôeres recusaram-se a se render, mesmo após a captura de Pretória, Roberts foi obrigado a continuar a guerra pela ocupação do resto do Transvaal. No leste, no norte e no oeste de Pretória, ainda existiam *kommandos* bôeres que necessitaram ser subjulgados.

Em 11 de junho, na Batalha de *Donkerhoek* ou *Diamond Hill*, os bôeres, sob as ordens de Botha, mantiveram suas posições. No entanto, em razão da marcante superioridade numérica britânica, foram obrigados a retroceder.

A ameaça de cerco que o avanço de Buller, oriundo de Natal, proporcionava, impôs a retirada de Botha para leste, ao longo da linha férrea. Em agosto, os homens de Buller acabaram por juntar-se àqueles de Roberts. Em 21 desse mês, os bôeres novamente entraram em batalha contra os britânicos. O combate de Dalmanutha só findou depois de 27 de agosto, quando os bôeres retiraram-se da refrega. Esse foi o último combate convencional da guerra.

Em 24 de setembro de 1900, todo o Transvaal, ao sul da estrada de ferro para o Porto de Lourenço Marques, estava sob dominação britânica.

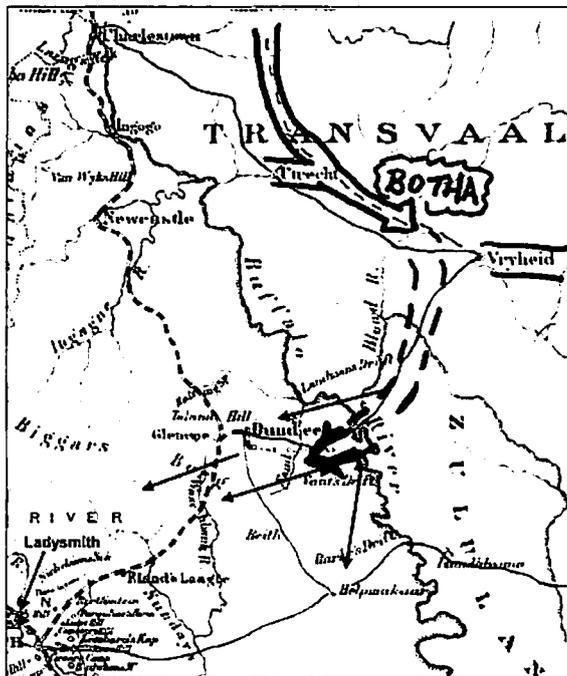
Mafeking tivera seu cerco aliviado pelos britânicos em 17 de maio de 1900. Durante 217 dias, Baden Powell defendera a cidade, resistindo ao poderoso cerco imposto pelos bôeres. Ele tornou-se, então, um herói militar conhecido em toda a Inglaterra. Com esse retumbante sucesso, foi promovido a general com apenas 43 anos de idade — o mais novo do Império!

O último esforço bôer

O General Botha decidiu invadir, pela segunda vez, a província de Natal. Reuniu cerca de mil remanescentes dos *kommandos* Bethal, Middelburg, Ermelo, Carolina e Standerton, em Blaauwkoop, próximo a Ermelo. Partiu, então, pela chamada via *Piet Rief*, eixo tradicional de infiltração bôer, em direção ao seu objetivo. À proporção que marchavam, a eles iam-se juntando antigos *kommandos* de Wakkerstroom, Utrecht e Vryheid, elevando, dessa maneira, o efetivo para cerca de 2 mil homens.

O plano geral de Botha era irromper pelo norte da província, desestabilizando o controle britânico sobre a área e, a partir daí, juntar-se às forças do General Jan Smuts, que já percorria a Colônia do Cabo.

Em 17 de setembro, sua presença foi detectada pela Inteligência britânica, em *Blood River Poort*, um desfiladeiro localizado a poucos quilômetros ao norte da Estrada Dundee–Vryheid.



Alguns carroções britânicos deveriam chegar a Dundee, vindos de Vryheid, o que preocupou o comandante da guarnição, Capitão Gough. Ele partiu com duas companhias de fuzileiros montados, que deveriam se opor a 300 bôeres. Na verdade, sabemos que eles eram em muito maior número, e os britânicos foram surpreendidos, logo após penetrarem no desfiladeiro, pelo envolvimento de outro tanto pela retaguarda. As baixas foram pesadas para um combate de apenas 10 minutos. Houve 44 mortos e 241 foram feitos prisioneiros. É sabido que a tropa de Botha não podia conduzir ou guardar prisioneiros, tampouco procedia como os zulus, “liberando os espíritos”. Eles foram abandonados sem calças e sem botas, no dia seguinte, na estrada para Vryheid.

As tropas de Botha infletiram, agora, para o sul, atingindo Babanango em 24 de setembro. Por causa da priorização das condutas no Transvaal, os britânicos só dispuseram, na província, de um destacamento da 5ª Divisão de Infantaria Montada para cobrir a fronteira norte. Seu comandante recebera informações, em 23, de que sua unidade estava na rota do avanço de Botha. Montou, então, posições na crista militar do morro Itala e, com 220 militares, postou-se na base da elevação, articulando a defesa com outros 148 no *Fort Prospect* — uma posição construída a base de grande muro de pedra.

Botha dividiu seus homens em três colunas: a 1ª, com 800 homens, sob o comando de um de seus irmãos, Chris; a 2ª, com 600 experientes *kommanders*, atacou, respectivamente, a crista e a base da elevação; a 3ª, com 400 homens, atacou a fortificação. Aproximadamente à meia-noite do dia 25, sob uma lua cheia, que iluminava o campo com perfeição, os defensores detectaram os primeiros movimentos atacantes, e quando eles estavam a 100 metros da posição, surpreenderam-nos com intensa fuzilaria. Ainda assim, após cinco horas de variadas manobras, os bôeres desalojaram os 14 britânicos que ainda podiam se locomover no alto morro. Às 6h houve uma inquietante pausa no combate. O médico britânico decidiu ir até o topo para cuidar de eventuais feridos, mas foi aprisionado e instado a tratar aqueles, de ambos os lados. Dois canhões, de 15, foram capturados, mas já sem munição.

Às cinco horas da tarde do dia seguinte, após um combate quase incessante, com o Major Champan, comandante do destacamento, gravemente ferido, tudo parecia perdido. Já havia a decisão de rendição quando, repentinamente, Botha suspendeu o ataque e retirou-se. Foi reforçar as

ações sobre o *Fort Prospect*, que se desenrolavam desde as 4h30min da manhã. Preocupou-se com o já elevado número de baixas — 128 mortos e mais 21 gravemente feridos. Acaba suspendendo todos os ataques, pois tinha a certeza de que sua posição já estava revelada e poderia sofrer ações de grandes efetivos britânicos.

Essa foi uma constante. Botha, à vista do que acontecera com Conje e com outros chefes importantes, não achou conveniente ficar engajado por muito tempo. Como ele dizia, as notícias de sua presença “correm com o vento e os tiroteios atraem atenções adversas”.

Ele ainda executou vários e desgastantes *raids* contra contingentes britânicos, causando intranquilidade e o maior número possível de baixas.

A guerra chega ao fim

Em breve, todas as cidades importantes do Transvaal ocidental cairiam em poder dos britânicos. Os bôeres, agora, de caçadores haviam passado a caça, não podendo fixar-se em ponto algum, manobrando sempre em ambiente de guerrilha, atacando e refluindo por um terreno que conheciam muito bem. Aos britânicos, contudo, sobravam efetivos profissionais e meios abundantes.

Em um esforço para estancar a guerrilha bôer, os britânicos queimaram as quintas, as fazendas e as colheitas deles, reimplantando o princípio de terra arrasada. Os guerrilheiros voltaram-se, então, contra as povoações dos nativos, forçando-os a participarem das lutas, confundindo os britânicos sobre o número, a localização e os verdadeiros combatentes que se lhes opunham.

Os britânicos, durante a guerra, desenvolveram os primeiros campos de concentração jamais imaginados em conflitos anteriores, onde

aprisionaram cerca de 22 mil mulheres e crianças em condições precárias. No final da guerra, 2.700 delas haviam morrido por subnutrição e/ou doenças. Os prisioneiros bôeres foram encarcerados em dezenas de campos, junto com os seus trabalhadores negros, sem alimentação suficiente nem cuidados médicos.

Por outro lado, muitos *afrikaaners* foram chamados, pejorativamente, por seus compatriotas de “colaboracionistas” — *joiners* —, “mãos ao alto” — *hensoppers*, em *afrikaans*, ou *handsuppers*, em inglês — ou “derrotistas” — *bittereinders*, em *afrikaans*, ou *bitter-enders*, em inglês, ou seja, “os que preferem o fim amargo”. Era o grupo que julgava ser já hora de entrar em um acordo com os britânicos. Tentando não se afastar de seus amigos, prosseguiram com a resistência por mais um ano, no fim do qual, os *bittereinders* finalmente perceberam que a nação bôer seria completamente destruída se eles persistissem na luta. Então, assinaram a paz em Pretória, em 31 de maio de 1902 — Tratado de Vereeniging. Por esse documento, as repúblicas rebeldes foram incorporadas ao Reino Unido, com certa autonomia administrativa e, em 1910, juntar-se-iam às colônias do Cabo e de Natal, para constituir um Estado de estrutura federal: a União Sul-Africana (USA).

Ainda pelo tratado, os bôeres obtiveram seus direitos políticos reconhecidos, e a Coroa britânica concordou em assumir suas dívidas, provenientes da guerra e em indenizá-los por todas as perdas decorrentes do conflito, em um montante de mais de três milhões de libras esterlinas. Os súditos de origem batava passaram a dispor de um estatuto legal especial, uma vez que o *afrikaans* ainda não era reconhecido como língua distinta.

Outra provisão do tratado era que os pretos nativos não teriam direito de voto, exceto aqueles residentes na Colônia do Cabo. A administra-

ção britânica ainda tentou a “domesticação” dos bôeres, por meio da educação obrigatória em inglês, mas o plano apenas resultou no ressentimento deles e acabou abandonado quando os liberais assumiram o poder na Grã-Bretanha em 1906. Em 1925, o *afrikaans* viria a ser reconhecido como um dos idiomas oficiais da USA.

Em toda a guerra, o efetivo empregado pelos britânicos chegara a 365.693 homens, enquanto os bôeres jamais ultrapassaram os 88 mil.

E o que ficou desta guerra?

Essa campanha entre britânicos e bôeres, por certo, será sempre lembrada pela introdução dos “comandos” no combate moderno. A necessidade de missões profundas na zona de retaguarda do inimigo ou no interior do país adversário, o combate em situações adversas de efetivos, sempre levarão o militar, cioso de suas obrigações, a continuar combatendo com frações desse tipo.

A artilharia saiu engrandecida pelo reconhecimento de que seu apoio não pode ser esquecido no campo de batalha, quebrando as defesas inimigas e atuando sobre o seu moral e economizando vidas de nossos combatentes. É a partir do combate de Pieters que se fixa a tática de apoio direto da Arma ao movimento da Arma-Base. Por outro lado, essa guerra determinou o fim do emprego de canhões em primeiro escalão, sem massa cobridora interposta entre eles e o inimigo. Quem manteve aquela prática continuou a desperdiçar homens e materiais. Por outro lado, vedada a visada direta sobre os alvos, a partir da batalha de Colenso, instituiu-se a pontaria indireta das peças e baterias.

Firmaram-se conceitos sobre emprego de balões e das ferrovias, sobre as granadas ocas para lançar panfletos de propaganda,

em campanhas de operações psicológicas; sobre holofotes potentes, para iluminação indireta do campo de batalha — eles foram distribuídos aos ingleses, com geradores próprios, em pleno campo.

O telégrafo foi intensamente empregado — inclusive por cabo submarino. Os “heliógrafos” — dispositivos que aproveitavam a luz solar para transmitir mensagens por código — foram uma

forma de telegrafia sem fio utilizada na época.

Infelizmente, também se perpetuaram imagens tristes de velhos, de mulheres e de crianças, sendo removidos em vagões de carga para “campos de concentração”, como gado humano. Também verificaram-se fotografias de crianças esqueléticas, em uma terra rica, que fora de seus pais e onde elas, há pouco, vinham brincando livremente. ☹

Fontes consultadas

Anotações de viagens do autor aos campos de batalha na África do Sul, acompanhado de guia habilitado em História Militar sul-africana, 2005.

Anotações realizadas no Museu de Ladysmith, Kwazulu-Natal, RSA, 2005.

Anotações colhidas no Museu das Forças Armadas, Johannesburg, Gauteng, República da África do Sul, 2005.

Referências

BELFIELD, Eversley M. *The Boer War*. Hamden, RSA: Archon Books, 1975.

BOURQUIN, S. B; TORLAGE, Gilbert. *The Battle of Colenso*. Randburg, RSA: Ravan Press, 1999.

CHURCHILL, Winston. *The Boer War: London to Ladysmith via Pretória*. New York: Ian Hamilton's March. W. W. Norton, 1989.

CLODFELTER, Micheal. *Warfare and Armed Conflicts*. Jefferson, NC, McFarland, 1992. 2 v. v. I *South African (Second Boer) War: 1899-1902*, pp 357-362.

DE WET, Christiaan Rudolf. *Three years' war*. New York: Scribner's Sons, 1902.

FARWELL, Byron. *The Great Anglo-Boer War*. New York: Harper & Row, 1976.

KAIGHIN, Brian. *A Diary of the Siege of Ladysmith*. Pietermaritzburg, RSA: Teeanem Printers, 1999.

JOHNSON, R.W. *South Africa: the first man, the last nation*. London: Weidenfeld & Nicolson, 2004.

LATIMER, Jon. Talana Hill: opening shots of the Boer War. *Military History*, p. 54, out. 1999.

WATT, Steve. *The Siege of Ladysmith*. Randburg, RSA: Ravan Press, 1999.

Sites consultados

<http://www.chirundu.com/history/images>

<http://www.anglo-boer.co.za/images/photos/britpeople>

<http://www.britishbattles.com/first-boer-war>

<http://www.militaryphotos.net/>

<http://samilitaryhistory.org/> (da Sociedade de História Militar da RSA)

http://en.wikipedia.org/wiki/Siege_of_Mafeking

<http://samilitaryhistory.org/> (da Sociedade de História Militar da RSA)